

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.070

Quinta feira, 18 de Maio de 1922

PREÇO 50 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Enderro telegórfico: Tâlha-Lisboa \* Telefone 5339-0

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

## A BATALHA NECESSITA Auxílio urgente

A organização é chamada a pronunciar-se urgentemente sobre a situação financeira de *A Batalha*. A sua comissão administrativa acaba de enviar-lhe uma circular, na qual lhe expõe claramente, insosfismavelmente, quais são os actuais encargos do jornal.

Extraímos da circular:

«E do vosso conhecimento — pois esta questão já por vezes se tem tornado conhecida — que *A Batalha* luta com sérias e graves dificuldades, poucas sendo as ocasiões em que a sua publicação não é por demais penosa.

«Quando do seu 3.º aniversário promovemos a «Semana de *A Batalha*», foi uma comemoração que a vida do jornal trouxe grande alívio, porque na sua administração entraram bastantes munícipes.

«Mas esse auxílio, sendo grande, foi contudo insuficiente, permitindo desafogar, só por momentos, o cofre confederal, do qual sempre tem saído os recursos indispensáveis para manter a sua publicação.

«Tem querido esta comissão equilibrar a receita com a despesa, mas não lhe tem sido possível. E agora menos que nunca. O preço do papel, que diminuiu em certa altura, voltou a subir. Os salários de todo o pessoal que no jornal trabalha tem acompanhado os salários das profissões ou indústrias de que os componentes desse pessoal fazem parte.

«Eis porque esta comissão deliberou dirigir-se-vos, expondo-vos qual é a situação financeira do jornal, dirigindo-vos um caloroso apelo para que procureis por todas as formas minorar as suas dificuldades.

«É porque para a organização tem que haver a máxima franqueza, sinceridade e lealdade, porque a mais nenhuma se pode dirigir neste sentido, por isso que *A Batalha* não pertence a qualquer empresa industrial ou grupo financeiro, é a organização que há de dizer toda a verdade.

«A comissão esclarece, por números, a situação precária, em que se encontra *A Batalha*, e conclui:

«Para toda a organização apela no sentido de promover o pagamento das dívidas, por meio do máximo auxílio de que os seus cofres possam dispor; por subscrições, quetas, festas, etc.

«E quanto ao deficit será o Conselho Confederal da C. G. T. quem terá de criar uma cota suplementar por forma a cobri-lo para que *A Batalha* não tenha que cessar a sua publicação.

«E isto é o que a Comissão é forçada a expor-vos, certa que cumprindo um dever, esperando apenas que os Sindicatos, as Uniões e as Federações compreendam a gravidade da situação e quanto será prejudicial se *A Batalha* é obrigada a suspender.»

Não é lícito a organização algum recusar-se ao máximo sacrifício comportável com as suas forças. E não é lícito, porque sendo *A Batalha* o seu porta-voz na imprensa, vergonhoso seria deixá-lo ao abandono.

Nada disto talvez fosse preciso se todos os organismos confederados cumprissem os seus encargos para com a C. G. T.

Assim nem esta tem podido expandir-se, dando toda a amplitude missão que lhe incumbe, nem dar ao jornal toda a assistência de que ele carece.

Voltaremos ao assunto.

C. G. T.

Comissão Organizadora

— DO —

III Congresso Nacional Operário

Esta comissão na sua reunião de ontem, apreciou o expediente recebido, que consta de ofícios de vários organismos e entre estes a adesão do sindicato dos corticeiros de Portalegre, que por intermédio da sua Federação enviou a quantia de 5\$00 correspondente a 100 sindicatos e do sindicato dos Rurais de Benavila a quantia de 2\$25, correspondente a 45 sindicatos, isto em conformidade com o estipulado na circular-convite enviada aos sindicatos.

Também apreciou um ofício da Associação dos Empregados no Comércio de Silves, ao qual se respondeu em conformidade com o estatuto confederal.

A comissão continua os seus trabalhos amanhã, às 20 horas.

Conselho Confederal

Reúne amanhã, pelas 21 horas, o Conselho Confederal.

*Conferências*

Pessoal demitido da Carris de Ferro

Universidade Livre

Tem lugar nesta colectividade,

a 9.ª lição do curso de geografia, pelo sr. Miguel Garcia que tratará do estudo das grandes unidades geográficas, começando por dar uma ideia geral do que foram os continentes e oceanos nas eras geológicas. projectar-seão algumas clichês explicativos sobre os continentes nas eras primária e secundária.

Universidade Popular Portuguesa

Realiza-se hoje, pelas 21 horas, na sede desta instituição — Rua Particular Almeida e Sousa, mais uma conferência sobre a História da Civilização, pelo sr. dr. Vieira de Almeida.

Os jornais burgueses de ontem, publicaram uma notícia onde se diz que comissão pro-demítidos da carris, tinha conferenciado com o presidente do ministério, a quem tinha solicitado a sua intervenção junto da Confederação Patronal, a fim de que esta desse por fundo o «boicote» que se está fazendo sentir e do qual estão sendo vitimas os operários demitidos devido ao último movimento grevista da classe.

Para colocar as questões no seu de-

pendo pôr e para que não sejam feitos julgamentos errôneos, esta comissão declara que a tal notícia carece de fundamento, pois que esta comissão não reconhece a famigalda e grótica Patronal, não podia pedir a intervenção de ninguém para que o «boicote» seja levantado, isso seria ligar atenção a quem não merece a menor parcela de consideração.

Ainda esta comissão declara que apesar são fidalgas, as notas publicadas no jornal *A Batalha*.

E que, camarada Alexandre Vieira

## Cobardes!

A humanidade agita-se. Aqui e acolá ouve-se o grito de revolta da multidão faminta, esfarrapada. Os algorizes tremem da ira dos escravos.

Unem-se, mobilizam exércitos, lançam mão dos meios mais abomináveis para deter, mas é tarde demais, vós abris a cova onde haveis de ser sepultados! Sim — queréis ferir mais uma vez traçoeiramente a massa operária, e para isso organizais essa covil de tigres a quem destes o nome de Confederação Patronal.

Cobardes! Vinde para a luta com lealdade, e não enleinados com a lama vil da hipocrisia.

Abri mais tabernas, mais prostíbulos, para os vossos escravos irem embrutecer-se, bestializar-se. Assim os queréis, assim os tens.

Mas, ai de ti, milionário, capitalista, burguês; a luz infusível da verdade iluminando esses seres corrompidos por vós, e quando eles comprehendam a grande missão de que estão encarregados, então não será o vosso dinheiro que os subjugará, não será a força das armas, nem o troco rouco do canhão que os detterá, avançarão até vós caídos desse pedestal infame, construído com a miséria de muitos escravos, com as lágrimas de muitas vítimas.

Não terão compaixão de vós, não!

Tendes vós por acaso compaixão das vítimas que fazes a cada instante?

Tendes vós compaixão do velho operário doente, que toda a vida trabalhou para vos encher os cofres de ouro? Quando os seus membros gastos e cansados se recusam a trabalhar, não o atreves a margem como coisa inútil, sem terdes ao menos uma palavra amiga, que lhe venha adocar por uns momentos.

Pois nesse dia, que está próximo, compaixão alguma haverá para vós, seveis castigados dos monstruosos crimes que cometes a cada instante.

Nem os vossos rogos, nem as vossas lágrimas deterão os escravos que injuriastes e explorastes por tantos séculos.

José BARÃO

## UMA RÉPLICA

O camarada Alexandre Vieira, fiel às suas afirmações sindicalistas, consequentemente com o seu passado imputado de militante sincero, publicou no domingo passado umas *Rebelidas* nas quais criticava a atitude de alguns comunistas no dia 1.º de Maio, em face duma deliberação do U. S. O. de Lisboa, reivindicando para este organismo o direito de deliberar dentro do seu próprio critério, neste caso de não consentir a colaboração dum partido nas suas manifestações proletarianas.

Este respeito é-nos enviado a carta, que a seguir publicamos, dando o assunto por terminado com a provável réplica do camarada A. Vieira.

Camarada Alexandre Vieira:

Na secção «Rebelidas» da *Batalha* de domingo p. p., vê-se criticando uma nota do Comité Executivo do Partido Comunista.

Porque eu sou filiado no P. C. P. e membro do seu Comité Executivo, por consequência participante das responsabilidades da mesma nota e ainda aí pôr muita consideração que v. me merece, eu sinto necessidade de vir rebater algumas afirmações, na mesma crítica feitas, pelo camarada, esperando que os homens de Estado, os médicos, os professores e os homens de Estado, que no futuro hão de julgar, mediar, ensinar e governar os homens.

Tenho bem acentuadas as fisionomias

## TIPOS DE LISBOA

### O ESTUDANTE PARADOXO

Entre os estudantes, a tradição francesa do uso da capa e batina vai desaparecendo. Contudo, alguns estudantes persistem em usá-la. Estes obstinados provam únicamente que a capa e a batina tem cova aberta e em breve serão, definitivamente, sepultadas.

Basta examinar a maioria dos estudantes que ainda as usam, para se concluir, sem tristeza, elas terem os seus dias contados. Os estudantes que ainda conservam esse característico vestuário, fazem-no por *snobismo*, pelo mais resquintado *snobismo*. A maioria usa-o, não por seu hábito, visto que já em desuso, não por estética, os que o apresentam desastradamente, não por desafectação, devido ao cuidado *snob* com que estudam a maneira de tragar ou deixar pendurados os ombros, a capa. Alguns, vão ao ponto de fazer com infinita pachorra, rasgões na capa, para a ver em seguida, propostamente a linha branca. Outros, e um deles é um dos mais pitorescos idiotas que em Lisboa habitam, vão ao extremo, chegando à extravagância de usar batina a passo-piolo. Estes estudantes veem parar a rua, para a Baixa, passear pelo Rossio e rua do Ouro, em attitudes impudentes e simuladas inspiradas. Vendo-os passar interrogam a gente, com espanto, se eles serão amanhã os juízes, os médicos, os professores e os homens de Estado, que no futuro hão de julgar, mediar, ensinar e governar os homens.

Lembro risonhamente as homenagens parvas dessa terra a indivíduos cuja celebridade, inteligência e valor moral os jornais inventaram em quinze dias — e recordo a figura esguia, cipreste das mesmas estudantes. Eles estão em toda a parte, onde aglomerações humanas se verificam.

Alguns não frequentam as aulas — usam a capa e a batina, por disfarce, para desculparem a sua inutilidade, ocultarem a sua ignorância, justificarem a sua preguiça. Não os vamos encontrar nas aulas e os que, por exceção, desfazem a sua aula, sem trabalho mais de 4700 rublos, ou seja, em moeda portuguesa, a 70.795.487,800 escudos, ouro.

Quais todos os edifícios públicos foram destruídos ou danificados gravemente: o liceu, os hospitais, o correio, a escola oficial e o mercado.

A destruição de pequenas manufaturas deixou sem trabalho mais de 4700

habitações.

Depois a nota enumera os edifícios destruídos.

Após a passagem da contra-revolução, Yaroslav tem o aspecto dum cidade arruinada, arrasada até ao nível do solo.

Antes da insurreição, a população de Yaroslav contava 120.000 almas, após quatro anos de grandes trabalhos, não conta mais de 75.000. A cidade tem de ser totalmente reconstruída.

Estes estudantes não estudam. Não são estudantes de facto, são estudantes pelo fato. É mesmo a única coisa que estudam — o fato.

Este género de estudante, é o estudante paradoxo, o mais caricato e pior dos estudantes, o mais extravagante e apavorante dos paradoxos. Porque desses estudantes é que tem saído muitos dos homens que hoje julgam, condamnam, governam e educam os homens.

Cristiano LIMA

## VIAGENS AÉREAS

### Lisboa-Rio de Janeiro

Os preparativos do hidro-avião

Fairley 17

Realizou-se no passado domingo o bando precatório promovido pela associação operária de Belém, o qual percorreu toda a área, Junqueira, St. António, Bôa-Hora, Ajuda e Alcântara, Bon-Sucesso e Pedrouços, apurando-se no final a quantia de 740\$20, sendo destinados 25% para os cabos verdeanos e 75% para os russos. O apuramento para os cabos verdeanos será remetido por intermédio da Cruz Vermelha, e a percentagem para os russos será entregue na administração de *A Batalha*.

Calcula-se que o tanque leve gasolina para duas horas.

O Fairley 17 será acompanhado pelo piloto tenente sr. Moreira de Carvalho, director da aeronautica naval.

O cruzador *Caryalo Araújo*, já tem meteu o pau de carga para levar o hidro-avião devendo largar para Fernando Noronha no próximo sábado.

Veccchi apresenta a sua ordem do dia.

Di Vittorio sustenta que o problema

da unidade merece a máxima consideração, outros que querem a discussão.

Por fim, Gervasio afirma que a unidade da força sindical em Itália só pode produzir-se por acordo espontâneo da massa organizada, mas excluindo todo a intromissão dos partidos ou grupos políticos e toda a forma de colaboração com a burguesia. As últimas tentativas para a unidade proletária fracassaram devido à sistemática oposição da social-reformista, a qual pretende a sua hegemonia sobre o proletariado por meio da propaganda.

E isso que o camarada classifica de inconsequência?

Então não se julgará uma criatura infeliz, adequado o seu critério aos factos poderosos que se lhes apresentam, e por progresso, a evolução (que tudo atinge), admitem-se a teoria de que nada é infinito, tudo se transforma e evolui e por consequência não se julgar nunca que se possuam uma verdade absoluta, é inconsequência?

Devido ao estado nebuloso do tempo, a partida dos aparelhos Breguet 9 e Portugal tem sido embargada.

Logo que se recebeu a estação telegráfica de Madrid a notícia de que o tempo melhorava, ambos os avoadores levaram a cabo a intrusão dos partidos ou grupos políticos e toda a forma de colaboração com a burguesia. As últimas tentativas para a unidade proletária fracassaram devido à sistemática oposição da social-reformista, a qual pretende a sua hegemonia sobre o proletariado por meio da propaganda.

As últimas tentativas para a unidade proletária fracassaram devido à sistemática oposição da social-reformista, a qual pretende a sua hegemonia sobre o proletariado por meio da propaganda.

As últimas tentativas para a unidade proletária fracassaram devido à sistemática oposição da social-reformista, a qual pretende a sua hegemonia sobre o proletariado por meio da propaganda.

As últimas tentativas para a unidade proletária fracassaram devido à sistemática oposição da social-reformista, a qual pretende a sua hegemonia sobre o proletariado por meio da propaganda.

As

# I CONGRESSO FERROVIARIO

Anteontem e ontem reuniu a Comissão Organizadora deste Congresso que deve realizar em 2, 3 e 4 do mês próximo tendo em sessões sucessivas titulado os trabalhos preparativos do mesmo. Tomou conhecimento da correspondência internacional, registrando a vinda a Lisboa de delegados da organização ferroviária espanhola e francesa e do secretário geral da Federação Ferroviária da França, Marcelo Bidegasay, que ao Congresso vem representar a Federação Internacional dos Trabalhadores de Transportes. Apreciau-se as teses já elaboradas, entre elas a que contém os estatutos da futura Federação Ferroviária Portuguesa, resolvendo publicá-las em folhetos, que até dia 23 serão distribuídos aos delegados das várias redes ferroviárias do país ao Congresso. Elaborou o regulamento e a ordem dos trabalhos do Congresso. Até esta data já se acham eleitos, pelo pessoal das várias linhas do país e pelos ferroviários das colônias setenta e três delegados, falando apenas a representação de três redes, que por este dia devem comunicar à referida comissão os nomes dos seus delegados. Expediu circulares aos organismos operários e ferroviários e instruiu-se os delegados já eleitos.

Resolreu fazer ainda sessões de propaganda, em Entroncamento no dia 20, em Gaia no dia 22, em Alfarcos no dia 23 e em Santa Comba, Sarnada e Mirandela, nos dias que a sub-comissão do norte marcará oportunamente.

O local da realização do Congresso será previamente anunciado.

A sessão inaugural, realizar-se há no dia 2 de junho próximo, pelas 11 horas. A comissão volta a reunir pelas 20 horas do dia 21 do corrente.

## Ordem dos trabalhos

### Sessão inaugural

Dia 2 de Junho, ás 11 horas

Abertura do Congresso.

Nomeação da Comissão Revisora de Mandatos.

Nomeação da Comissão de Pareceres.

### 1.ª sessão

á 14 horas

Discussão do Parecer da Comissão revisora de mandatos.

Lectura e discussão do relatório da Comissão Organizadora do Congresso.

Discussão do Projeto de Estatutos da futura Federação.

### 2.ª sessão

Dia 3 ás 13 horas

Discussão das teses: Orientação Ideológica da Classe Ferroviária e sua posição perante as deliberações dos Congressos Operários Nacionais e Internacionais.

Relações Internacionais.

### 3.ª sessão

á 20 horas

Discussão das teses: Salários e Condições de trabalho na indústria ferroviária de Portugal e Colônias.

Equivalência de categorias, classes, vencimentos e salários em todos as linhas férreas de Portugal e Colônias.

### 4.ª sessão

Dia 4 ás 10 horas

Discussão das teses: O Problema Administrativo técnico e profissional nos Caminhos de Ferro, Habitacões, Higiene e Assistência médica ao pessoal ferroviário.

de Vecchi apenas 19 e havendo nove abstêndentes.

Decide-se, depois de alguma discussão, que o caso dos deputados seja debatido no próximo conselho geral.

Milão, sede central — Borghi e Giovannetti, secretários.

Vai discutir-se onde deva ser a sede central da U. S. I. e a nomeação dos secretários.

Petrachini propõe uma saudação a Borghi, por aclamação, e que ela seja extensiva a D. Andréia, Giovannetti e a Vecchi.

Borghi agradece esta manifestação de simpatia, afirmando todo o seu afecto pela U. S. I. Propõe que o Congresso passe à nomeação do novo secretário.

Vecchi nota a necessidade de se fixar a sede da U. S. I. e propõe Bolonha.

Depois dum demorado discussão, Borghi e Giovannetti são eleitos secretários, e fixa-se Milão como a sede central, ficando recelos os restantes componentes do Comitê Executivo.

Totti pronuncia um breve discurso, fazendo um apelo à concórdia para maior bem da causa revolucionária internacional, sendo vivamente aplaudido.

Depois de Giovannetti agradecer, Mafateira vai falar.

Afirma a sua simpatia pela U. S. I., dizendo-se sceptico a propósito do valor revolucionário das organizações operárias. O sindicalismo poderá ser um vínculo de revolucionários, contanto se inspire sempre nos princípios da ação direta e não tenda a cristalizar-se numa ação genuinamente corporativista.

Sauda todos os congressistas em nome da *Humanità Nova* e de todos os anarquistas.

Falam ainda alguns congressistas, entre eles Brogi, que pronuncia palavras de incitamento, depois do que se encerra o Congresso no meio do maior entusiasmo.

## Classes que reclamam

### Manufactores de calçado

Reuniu esta classe novamente para conhecer as respostas das casas conhecidas até ontem, sendo resolvido aguardar a reunião magna, convocada para hoje, para que toda a classe tenha conhecimento dos industriais que ainda não aceitaram a tabela e assentar no caminho a seguir.

O pessoal da casa Costa, de S. Vicente, reuniu hoje à 1 hora da tarde. Para a reunião que à noite se efectua foi distribuído um manifesto.

### 5.ª sessão

á 15 horas

Discussão das teses: Instrução Pedagógica aos filhos dos ferroviários.

Necessidade das relações da Federação Ferroviária com a Federação Rural ou com as Federações d'outras indústrias, como organização defensiva.

### 6.ª sessão

á 20 horas

Lectura dos restantes trabalhos enviados ao Congresso e discussão dos Pareceres da respectiva comissão, sobre eles.

Comunicações livres.

Nomeação da Comissão Executiva da Federação e designação do local do Congresso seguinte.

Encerramento do Congresso.

## Congresso Ferroviário Português

### Regulamento do Congresso

Artigo 1.º — Constituem o Congresso: a) os Sindicatos Ferroviários.

b) as Associações de Classe Ferroviárias.

c) As Delegações destes organismos.

d) a Comissão Organizadora do Congresso e a respectiva Sub-Comissão do Norte.

e) os delegados eleitos pelo pessoal das redes ferroviárias que não tem Sindicato ou Associação.

f) Cada uma das supracitadas organizações e o pessoal das redes ferroviárias que não tem Associação ou Sindicato, podem-se fazer representar:

a) As Sedes dos Sindicatos e Associações, por 3, 5 ou 7 delegados.

b) As Delegações daqueles organismos, por 1 ou 3 delegados.

c) 3.º—Exceptuam-se a Comissão Organizadora do Congresso e a sub-Comissão do Norte, respectivamente compostas de 7 e 4 componentes.

§ 2.º—As linhas férreas da Beira Alta e Guimarães, são consideradas, para efeito de representação no Congresso, como possuindo Sindicatos próprios.

Art. 3.º—Os delegados devem ser sindicados.

Art. 4.º—As votações far-seão por chamarada individual de delegados.

Art. 5.º—A Comissão Organizadora compete a abertura dos Congressos.

Art. 6.º—A Presidência e secretariado das sessões não serão efectivos, tendo cada sessão 1 presidente e 2 secretários eleitos pelo Congresso,

Art. 7.º—O Congresso nomeará uma Comissão revisora de mandatos, constituída por 5 membros, que verificará a identidade dos delegados e apresentará o seu parecer na primeira sessão, antes de se entrar na ordem dos trabalhos.

Art. 8.º—A ordem dos trabalhos da sessão seguinte será anunciada no final de cada sessão, pelo presidente.

§ 1.º—A ordem dos trabalhos será escrupulosamente respeitada para evitar desperdício de tempo ou prolação de assuntos.

§ 2.º—Aberta a sessão, entrar-se-há imediatamente na ordem do dia ou da noite.

§ 3.º—Qualquer assunto estranho à ordem pode ser tratado no fim da sessão.

Art. 9.º—O Congresso terá dois tradutores nomeados pela Comissão Organizadora.

Sínico.—Os tradutores só farão uso da palavra para ilucidão do Congresso, sobre os trabalhos de que forem encarregados.

Art. 10.º—O Congresso na sua última sessão, elegerá por escrutínio secreto ou aclamação a Comissão Executiva,

de Vecchi apenas 19 e havendo nove abstêndentes.

Decide-se, depois de alguma discussão, que o caso dos deputados seja debatido no próximo conselho geral.

Milão, sede central — Borghi e Giovannetti, secretários.

Vai discutir-se onde deva ser a sede central da U. S. I. e a nomeação dos secretários.

Petrachini propõe uma saudação a Borghi, por aclamação, e que ela seja extensiva a D. Andréia, Giovannetti e a Vecchi.

Borghi agradece esta manifestação de simpatia, afirmando todo o seu afecto pela U. S. I. Propõe que o Congresso passe à nomeação do novo secretário.

Vecchi nota a necessidade de se fixar a sede da U. S. I. e propõe Bolonha.

Depois dum demorado discussão, Borghi e Giovannetti são eleitos secretários, e fixa-se Milão como a sede central, ficando recelos os restantes componentes do Comitê Executivo.

Totti pronuncia um breve discurso, fazendo um apelo à concórdia para maior bem da causa revolucionária internacional, sendo vivamente aplaudido.

Depois de Giovannetti agradecer, Mafateira vai falar.

Afirma a sua simpatia pela U. S. I., dizendo-se sceptico a propósito do valor revolucionário das organizações operárias. O sindicalismo poderá ser um vínculo de revolucionários, contanto se inspire sempre nos princípios da ação direta e não tenda a cristalizar-se numa ação genuinamente corporativista.

Sauda todos os congressistas em nome da *Humanità Nova* e de todos os anarquistas.

Falam ainda alguns congressistas, entre eles Brogi, que pronuncia palavras de incitamento, depois do que se encerra o Congresso no meio do maior entusiasmo.

### Para as vítimas da Murtosa

Em virtude de inúmeros pedidos dirigidos à comissão promotora do espetáculo que os empregados do Banco Nacional Ultramarino levaram a efeito, no teatro de S. Carlos, em 6 do corrente, a este velho amigo resulte uma brilhantíssima apoteose. O programa que brevemente publicaremos é de molde a constituir um verdadeiro acontecimento. Continua a grande procura de bilhetes, sendo recebidas entre outras, as seguintes ofertas: dr. Ramalda Curto, Amadeu das Neves, Sousa Neves, Mota Chapeleiro, Jesus Gabriel, Manuel Martins, António Pons, Carlos Santos, Joaquim Cabral, Alfredo Costa, dr. Afonso Manoas, Júlio Caixilhas, Sébastião Eugénio e J. G. P., 5800 cada um; Alfredo Lagarto, João Soares e P. R., 5850 cada; Francisco Anselmo, 6500 e Romão Gouveia, 7500.

A comissão pede a todas as pessoas a quem tem enviado bilhetes a fineza duma resposta breve.

No entanto, hoje abriram novas oficinas dando o aumento e pouquissimos os operários que restam sem trabalho.

E em face disto que os patrões pretendem ainda esmagar-nos?

Buscam uma saída? Ei-la.

Abram as oficinas, cedam às nossas reclamações e então, sim, terão operários.

Prolongar a greve, é simplesmente tornarem mais caro um capricho seu.

Operários do mobiliário: O caminho é para a frente, a meta é a vitória!

## AS GREVES

### Operários mobilários

Apesar de estar prestes a concluir 2 meses de greve, os operários desta indústria continuam firmes e animados do espírito de luta dos primeiros dias.

Na assemblea ontem realizada foram lidos 2 ofícios, um de Coimbra e outro do Porto do Sôr pedindo operários.

Aprecia-se a nota *enigma* da C. P., desafiando-se que provem ser verdadeiros o que afirmam.

Tomou-se conhecimento das diligências empregadas pela tenebrosa com o fim de impedir que os mecanicos em madeira façam trabalho para a marcenaria, resolvendo-se deixar a consciente destes camaradas o proceder como entenderem.

Registou-se a adesão dum industrial que ainda não tinha feito, cujo nome deixamos ao óptimo serviço de informação da *sabia*, o descobrir.

NOTA DO COMITÉ

Camaradas: Tudo indica o aproximar do termo da nossa luta nas condições por nós desejadas. Porém, a «patronal», qual condenado que perante o cadafalso tem um arranco de efemerida coragem, vai procurando, não uma saída airosa da embrulhada que arranjou neste conflito, mas uma saída falso-síntese que, a não conseguir mais um protesto de solução, infelizmente ocasionará um rompimento dos seus filiados a quem a necessidade de produção levará à aquiescência às nossas pretensões.

Agora aparece na imprensa uma nota *enigma* da «patronal», que manifesta bem a atrapalhação que por lá vai e em que *ela* diz que tem... mas não tem. Não se refere à classe a quem dirige a *chara*; mas, depreendemos nós que se trata da nossa greve. Afirma que tem oferta de muitos operários e serventes da rede, mas, logo a seguir, a *chara* diz que temos que lhe fornecermos nota dos operários com que contam, para uma *provável* reabertura. Porém, como os lojistas e industriais, a sua maioria, não poderão responder, respondemos-nos:

O pessoal que estava nas oficinas antes da greve, na sua maior parte considera-se sem patrão certo; e, reserva-se o direito de alugar os seus braços aquele que, sobre o aumento reclamado, maior salário lhes ofereça; tanto mais, que na sua quasi totalidade, os operários tem arranjado forma de entreter a vida e resistir até que os patrões se convençam de que é melhor cederem. Por consequência não haverá um único patrão que possa contar com os suas operários.

A «patronal», para não fugir à regra, mente mais uma vez, visto que nós temos a garantia de um só operário.

Assim, reabrem as oficinas sem cedência às reclamações é o mesmo que conservá-las encerradas.

De nossa parte tração não haverá e se pretendem desmentir-nos, vamos, fácamo-nos, publicar os nomes dos patrões que se tiverem.

Art. 7.º—O Congresso nomeará uma Comissão revisora de mandatos, constituída por 5 membros, que verificará a identidade dos delegados e apresentará o seu parecer na primeira sessão, antes de se entrar na ordem dos trabalhos.

# INQUILINO E SENHORIO

João Prolo era um mineiro inteligente e tam instruído quanto lho permitia o seu ofício. Era casado e tinha quatro filhos. Quando trabalhava, o salário que percebia mal lhe chegava para satisfazer as mais restritas necessidades; e quando não tinha trabalho via-se sempre em grandes apuros.

Um dia encontrei-o numa das situações críticas. Dominava-o uma crise nervosa; e enquanto os donos das minas bebiam garrafas de champanhe, João Prolo e a sua família alimentavam-se de sopa de água quente e azeite crú...

Bateram à porta. Era o senhorio. Entrou, e depois dum saudade fria e rotineira disse-lhe que já tinham passado oito dias após o fim do mês, e que, portanto, vinha receber o aluguer da casa.

Apesar do momento ser impróprio, as duas personagens sentiam vivos desejos de se justificar. E, nesse sentido, entabolararam o seguinte diálogo:

— Preciso do meu dinheiro — diz o senhorio.

— E eu também — replica o inquilino.

— Aluguei-lhe a minha casa e tenho, por isso, o direito de receber o aluguer.

— Direito muito discutível.

— Como discutível?

— Vejamos? com que direito possui você estas casas e estas terras?

— Por herança de meus pais.

— Olha que razão! E com que direito as possuim seus pais?

— Compraram-nas.

Se as compraram é porque tinham dinheiro; como é que eles o adquiriram? Além disso, seria preciso, também demonstrar-me que alguém tinha o direito de vendê-las. Lógicamente falando, o direito é impessoal, visto que o produto de um roubo não perde o seu carácter de ilegitimidade ao passar de uma mão para outra, de uma geração à que se lhe segue. Sob este ponto de vista não foi o direito que o tornou proprietário, mas sim a casualidade. Veja o que sobre este assunto nos diz Pascal:

«Dizem que as vogas riquezas provêm dos vossos antepassados, mas ?les não as adquiriram e conservaram por mil casualidades? Imaginai, porventura, que esses bens passaram do poder dos vossos antepassados ao vosso por via natural? Não. Essa sucessão não se baseia senão na vontade dos legisladores que engendraram boas razões para estabelecer essa sucessão, mas entre as quais não há uma só que faça derivar o direito natural a posse das coisas. Se os legisladores tivessem querido ordenar que os bens, depois de terem pertencido aos pais, durante a vida, voltassem à posse da república, após morte deles, nem vós seríeis proprietários, nem teus motivos de queixa.»

Portanto, o título que vos dá direito à posse dos vossos bens, não é natural — foi estabelecido pelos homens. Assim, uma direção diferente no pensamento dos que elaboram as leis, ter-vos-ia deixado pobres. Só o choque da casualidade com a fantasia das leis que vos são favoráveis, é que vos deu a posse desses bens.»

Os legisladores — continuou João Prolo — podiam ter boas razões, e então todos seriam proprietários. Nem mais nem menos.

— Sim, bem sei que nem tudo é perfeito — respondeu o proprietário — e que se podem criticar muitas coisas; mas as leis são precisas para que haja ordem na sociedade, e é necessário submeter-nos a elas.

Isso mesmo dizia Pascal, embora declarando que toda a lei era arbitrária. Você deve saber que nenhum europeu pode ser proprietário na China: as leis chinesas não lhe facultam esse direito, dentro do país. Mas, independentemente disso, você sabe, de ciência certa, que não deve a sua fortuna a um revolucionário, a um dos indivíduos que destruiram as leis do seu tempo em vez de se submeterem a elas? Por exemplo: em França, em 1792 e 1793, os burgueses apoderaram-se, algumas vezes diretamente como vulgares rapinantes, dos bens da nobreza e do clero, outras vezes declarando esses bens propriedade do Estado e comprando-os depois a baixo preço. Note, que os bens dos «emigrados» só seriam declarados propriedade pública, constituiam, ipso facto, propriedade do povo; mas, como só os burgueses possuam meios de os adquirir, sem mesmo consultar o povo,

resultou que os herdeiros... Que me diz você desses herdeiros?

— Quem pensa em tal coisa? Já sabe que há muito tempo se passou uma esponja sobre tudo isso, e já não se conhecem senão direitos adquiridos pelo tempo.

— Ah! sim? Pois em boa lógica você deve reconhecer que os proprietários não tem mais do que fazer contra a burguesia a mesma revolução que em 1793 os burgueses fizeram contra a nobreza e o clero, e apoderarem-se de todas as propriedades. E como desde então até ao presente já se passaram mais de cinco anos, basta esperar outros com, quere dizer o ano do mil e pico, para que se tenha passado outra vez a esponja e não haja mais do que direitos adquiridos, os nossos descendentes não tenham razões de queixa. Não lhe parece aceitável a proposta?

— Oh! não; isso é muito diferente... A minha fortuna é muito anterior à Revolução francesa, e até à dos banditismos aristocráticos da época feudal, de que você se poderia servir como argumento. Foi-me transmitida por uma larga descendência de antepassados, cuja origem se perde na noite dos tempos.

— E você, contudo, não é cômodo? Não importa; quero conceder a sua ascendência a uma antiguidade superior à dos mais conhecidos aristocratas. Suponhamos que você descendente do tempo, não de Carlos Magno, mas de Clodovis. E, assim, você descenderá duma daquelas hordas de bandidos que, sob o nome genérico de tártares fizeram multiplas invasões no império romano. Ou então procederá dos bandidos que conquistaram a Gália às ordens de Júlio César, e sente-se orgulhoso de ser herdeiro dos descendentes de Rómulo. Pois, comparando César e Bonaparte com qualquer dos bandidos executados na Praça da Greve, só vejo esta diferença: o que opera em grande, é coberto de honras; o que obra em pequeno, é condenado à morte. Sempre a razão de Bismarck: a força substituindo o direito.

— Há provavelmente proprietários que se encontram nesse caso; mas, como é impossível determinar quais sejam, o melhor é, no interesse da ordem social, aceitar as coisas tal qual estão.

— Sim; já comprehendo. Devo aceitar a sociedade capitalista porque não posso provar juridicamente que tais e tais ricos, que se me impõem, são os herdeiros duma quadrilha de ladrões. E como também não posso provar juridicamente que sou herdeiro natural das terras que você possui em meu detimento, devo trabalhar toda a minha vida como um animal; devo ver morrer tranquilamente os meus filhos, por falta de ar, de lata, de alimento e de vestuário; devo contemplar, com admiração, como se assenta a mão sobre os meus irmãos de miséria quando reclamam mais uma fatia de pão e um pouco de liberdade; devo inclinar-me respeitosamente ante o vosso luxo insultante e cantar hossanas à banda internacional de malfiteiros que aquartelam e prostituem a juventude proletária. Não é isso? Que não!

— Declamações demagógicas! Tenha em vista, sr. Prolo, que o valor intrínseco do meu argumento foi universalmente admitido por todos os intelectuais, desde os pais e os últimos jornalistas até aos sábios, como Lévi-Beaulieu.

As minhas terras foram-me transmitidas de geração em geração, desde o primeiro ocupante; e, nunca, entenda-me bem, nenhum dos meus antepassados cometeu a menor ignomínia. Todos atraíram o período das invasões, sem tirar dessas invasões o menor benefício ilegítimo. Suponho que não terá nada que dizer contra o direito do primeiro ocupante.

— A sua réplica é manifestamente absurda. É impossível determinar a personalidade do primeiro ocupante dum fragmento de território, através dos grandes movimentos históricos dos povos; e a ideia de a determinar entre as migrações e as guerras da preistoria, é uma loucura. Admitimos, no entanto, que o primeiro ocupante das suas terras foi verdadeiramente um dos seus antepassados. ¿Dónde vinha? Não temos todos nós uma origem comum? Não descendemos todos da monera primitiva? Não somos todos filhos da Terra?

— Sim.

— Pois a Terra deve ser propriedade de todos, sem que al-

guem possa, sem injustiça evidente, cercar um pedaço do planeta e dizer: — Isto é meu.

— E' que houve consentimento mútuo entre os contemporâneos...

— A sua afirmação pressupõe a existência dum contrato, que os seus próprios juizes exigiriam para lhe dar razão. Eu também exijo: — deixe lá vir esse contrato. — Não o tem?... Não importa; quero crer que o possui.

Acredito mesmo que os contemporâneos do seu avô alienaram os seus direitos para o favorecer, mas não os meus nem os da minha geração. Haverá quem possa negar-me o direito de eu comer sopa de massa, pretextando que meu avô não a comia?... «O que os homens tem feito, outros homens o podem desfazer», disse Rousseau. Em França os burgueses desfizeram a monarquia; e não poderá o proletariado derribar o poder dos proprietários e capitalistas?

— Apesar de tudo isso, que pensa você do direito de herança?

— Negá-lo, simplesmente. É absurdo que, lá porque um homem seja passado o período da sua geração no ventre de Joana ou de Maria, seja milionário ou mendigo... Sabido é que você atirou à rua uma criada depois de lhe ter feito um filho — coisa corrente entre os ricos. Pois esse filho é o prodato dumas suas células e doura da mãe. Metade dessa criatura, segundo o suposto direito natural, fica deserdada, quando, se a célula ovária procedesse da sua esposa e não da criada, o petiz seria herdeiro.

Ouça a opinião de Jorge Thonar:

«A propriedade é puramente convencional: pode-se nascer cego, cego, raquitico ou robusto, mas não se nasce proprietário; nasce-se individual, sem mais propriedade que a da sua pessoa.

Entre os recém-nascidos ninguém poderia distinguir qual é o chamado a exercer o nefasto papel de proprietário, se não se tivesse convencionado dar esse título a tal ou qual criança, porque a natureza não cria proprietários.

«Se, antes dumas criança realizar qualquer acto se lhe reconheçam direitos exclusivos sobre um determinado objecto, praticase uma exploração que vai afectar a maioria das crianças, porque só por esse facto, se privam as restantes de uma infinitude de más consequências, das quais me limito a citar duas: João produzindo tanto a tal ou qual criança, porque a natureza não cria proprietários.

— Se, antes dumas criança realizar qualquer acto se lhe reconheçam direitos exclusivos sobre um determinado objecto, praticase uma exploração que vai afectar a maioria das crianças, porque só por esse facto, se privam as restantes de uma infinitude de más consequências, das quais me limito a citar duas: João produzindo tanto a tal ou qual criança, porque a natureza não cria proprietários.

— ! Esse Thonar é um cana-lha! retrucou o senhorio! Deixei-lo-ei à polícia para o meter na cadeia.

— Sim, a cadeia é a base mais sólida dos direitos dos proprietários.

O senhorio encolheu desdenhosamente os ombros e dispunha-se a sair, mesmo sem receber o aluguer. Mas João Prolo, animado pela discussão, deteve-o pelo braço; devo contemplar, com admiração, como se assenta a mão sobre os meus irmãos de miséria quando reclamam mais uma fatia de pão e um pouco de liberdade; devo inclinar-me respeitosamente ante o vosso luxo insultante e cantar hossanas à banda internacional de malfiteiros que aquartelam e prostituem a juventude proletária. Não é isso? Que não!

— Sim; já comprehendo. Devo aceitar a sociedade capitalista porque não posso provar juridicamente que tais e tais ricos, que se me impõem, são os herdeiros duma quadrilha de ladrões. E como também não posso provar juridicamente que sou herdeiro natural das terras que você possui em meu detimento, devo trabalhar toda a minha vida como um animal; devo ver morrer tranquilamente os meus filhos, por falta de ar, de lata, de alimento e de vestuário; devo contemplar, com admiração, como se assenta a mão sobre os meus irmãos de miséria quando reclamam mais uma fatia de pão e um pouco de liberdade; devo inclinar-me respeitosamente ante o vosso luxo insultante e cantar hossanas à banda internacional de malfiteiros que aquartelam e prostituem a juventude proletária. Não é isso? Que não!

— Sim; já comprehendo. Devo aceitar a sociedade capitalista porque não posso provar juridicamente que tais e tais ricos, que se me impõem, são os herdeiros duma quadrilha de ladrões. E como também não posso provar juridicamente que sou herdeiro natural das terras que você possui em meu detimento, devo trabalhar toda a minha vida como um animal; devo ver morrer tranquilamente os meus filhos, por falta de ar, de lata, de alimento e de vestuário; devo contemplar, com admiração, como se assenta a mão sobre os meus irmãos de miséria quando reclamam mais uma fatia de pão e um pouco de liberdade; devo inclinar-me respeitosamente ante o vosso luxo insultante e cantar hossanas à banda internacional de malfiteiros que aquartelam e prostituem a juventude proletária. Não é isso? Que não!

— Sim; já comprehendo. Devo aceitar a sociedade capitalista porque não posso provar juridicamente que tais e tais ricos, que se me impõem, são os herdeiros duma quadrilha de ladrões. E como também não posso provar juridicamente que sou herdeiro natural das terras que você possui em meu detimento, devo trabalhar toda a minha vida como um animal; devo ver morrer tranquilamente os meus filhos, por falta de ar, de lata, de alimento e de vestuário; devo contemplar, com admiração, como se assenta a mão sobre os meus irmãos de miséria quando reclamam mais uma fatia de pão e um pouco de liberdade; devo inclinar-me respeitosamente ante o vosso luxo insultante e cantar hossanas à banda internacional de malfiteiros que aquartelam e prostituem a juventude proletária. Não é isso? Que não!

— Sim; já comprehendo. Devo aceitar a sociedade capitalista porque não posso provar juridicamente que tais e tais ricos, que se me impõem, são os herdeiros duma quadrilha de ladrões. E como também não posso provar juridicamente que sou herdeiro natural das terras que você possui em meu detimento, devo trabalhar toda a minha vida como um animal; devo ver morrer tranquilamente os meus filhos, por falta de ar, de lata, de alimento e de vestuário; devo contemplar, com admiração, como se assenta a mão sobre os meus irmãos de miséria quando reclamam mais uma fatia de pão e um pouco de liberdade; devo inclinar-me respeitosamente ante o vosso luxo insultante e cantar hossanas à banda internacional de malfiteiros que aquartelam e prostituem a juventude proletária. Não é isso? Que não!

— Sim; já comprehendo. Devo aceitar a sociedade capitalista porque não posso provar juridicamente que tais e tais ricos, que se me impõem, são os herdeiros duma quadrilha de ladrões. E como também não posso provar juridicamente que sou herdeiro natural das terras que você possui em meu detimento, devo trabalhar toda a minha vida como um animal; devo ver morrer tranquilamente os meus filhos, por falta de ar, de lata, de alimento e de vestuário; devo contemplar, com admiração, como se assenta a mão sobre os meus irmãos de miséria quando reclamam mais uma fatia de pão e um pouco de liberdade; devo inclinar-me respeitosamente ante o vosso luxo insultante e cantar hossanas à banda internacional de malfiteiros que aquartelam e prostituem a juventude proletária. Não é isso? Que não!

— Sim; já comprehendo. Devo aceitar a sociedade capitalista porque não posso provar juridicamente que tais e tais ricos, que se me impõem, são os herdeiros duma quadrilha de ladrões. E como também não posso provar juridicamente que sou herdeiro natural das terras que você possui em meu detimento, devo trabalhar toda a minha vida como um animal; devo ver morrer tranquilamente os meus filhos, por falta de ar, de lata, de alimento e de vestuário; devo contemplar, com admiração, como se assenta a mão sobre os meus irmãos de miséria quando reclamam mais uma fatia de pão e um pouco de liberdade; devo inclinar-me respeitosamente ante o vosso luxo insultante e cantar hossanas à banda internacional de malfiteiros que aquartelam e prostituem a juventude proletária. Não é isso? Que não!

— Sim; já comprehendo. Devo aceitar a sociedade capitalista porque não posso provar juridicamente que tais e tais ricos, que se me impõem, são os herdeiros duma quadrilha de ladrões. E como também não posso provar juridicamente que sou herdeiro natural das terras que você possui em meu detimento, devo trabalhar toda a minha vida como um animal; devo ver morrer tranquilamente os meus filhos, por falta de ar, de lata, de alimento e de vestuário; devo contemplar, com admiração, como se assenta a mão sobre os meus irmãos de miséria quando reclamam mais uma fatia de pão e um pouco de liberdade; devo inclinar-me respeitosamente ante o vosso luxo insultante e cantar hossanas à banda internacional de malfiteiros que aquartelam e prostituem a juventude proletária. Não é isso? Que não!

— Sim; já comprehendo. Devo aceitar a sociedade capitalista porque não posso provar juridicamente que tais e tais ricos, que se me impõem, são os herdeiros duma quadrilha de ladrões. E como também não posso provar juridicamente que sou herdeiro natural das terras que você possui em meu detimento, devo trabalhar toda a minha vida como um animal; devo ver morrer tranquilamente os meus filhos, por falta de ar, de lata, de alimento e de vestuário; devo contemplar, com admiração, como se assenta a mão sobre os meus irmãos de miséria quando reclamam mais uma fatia de pão e um pouco de liberdade; devo inclinar-me respeitosamente ante o vosso luxo insultante e cantar hossanas à banda internacional de malfiteiros que aquartelam e prostituem a juventude proletária. Não é isso? Que não!

— Sim; já comprehendo. Devo aceitar a sociedade capitalista porque não posso provar juridicamente que tais e tais ricos, que se me impõem, são os herdeiros duma quadrilha de ladrões. E como também não posso provar juridicamente que sou herdeiro natural das terras que você possui em meu detimento, devo trabalhar toda a minha vida como um animal; devo ver morrer tranquilamente os meus filhos, por falta de ar, de lata, de alimento e de vestuário; devo contemplar, com admiração, como se assenta a mão sobre os meus irmãos de miséria quando reclamam mais uma fatia de pão e um pouco de liberdade; devo inclinar-me respeitosamente ante o vosso luxo insultante e cantar hossanas à banda internacional de malfiteiros que aquartelam e prostituem a juventude proletária. Não é isso? Que não!

— Sim; já comprehendo. Devo aceitar a sociedade capitalista porque não posso provar juridicamente que tais e tais ricos, que se me impõem, são os herdeiros duma quadrilha de ladrões. E como também não posso provar juridicamente que sou herdeiro natural das terras que você possui em meu detimento, devo trabalhar toda a minha vida como um animal; devo ver morrer tranquilamente os meus filhos, por falta de ar, de lata, de alimento e de vestuário; devo contemplar, com admiração, como se assenta a mão sobre os meus irmãos de miséria quando reclamam mais uma fatia de pão e um pouco de liberdade; devo inclinar-me respeitosamente ante o vosso luxo insultante e cantar hossanas à banda internacional de malfiteiros que aquartelam e prostituem a juventude proletária. Não é isso? Que não!

— Sim; já comprehendo. Devo aceitar a sociedade capitalista porque não posso provar juridicamente que tais e tais ricos, que se me impõem, são os herdeiros duma quadrilha de ladrões. E como também não posso provar juridicamente que sou herdeiro natural das terras que você possui em meu detimento, devo trabalhar toda a minha vida como um animal; devo ver morrer tranquilamente os meus filhos, por falta de ar, de lata, de alimento e de vestuário; devo contemplar, com admiração, como se assenta a mão sobre os meus irmãos de miséria quando reclamam mais uma fatia de pão e um pouco de liberdade; devo inclinar-me respeitosamente ante o vosso luxo insultante e cantar hossanas à banda internacional de malfiteiros que aquartelam e prostituem a juventude proletária. Não é isso? Que não!

— Sim; já comprehendo. Devo aceitar a sociedade capitalista porque não pos

# Serviço de livraria

# A BATALHA

## FORMIOL

TONICO MUSCULAR

REGISTADO

Medicamento de exímio e notável na cura da fraqueza muscular, fraqueza cerebral, estimulando a memória e evitando a neurastenia. Os seus maravilhosos efeitos são reconhecidos tanto quanto os garantidos no tratamento da anemia, tuberculose, fraqueza genital, doenças do coração e pulmões, ressacadas, ressaca nocturna, pressão arterial, menstruações irregulares, perdas seminais, escrofúlos, linfomas, rachas, atecções ossárias, distensões articulares e fraqueza senil. Tonico por excelência do sistema nervoso e muscular, multiplicando as forças e evitando a



que se tem trazido das drogarias indicadas e sempre com ótimos resultados. Não tem diária. A vende em todas as boas farmácias e drogarias. Preço: 5 escudos. Correio, etc. 2 frascos, mais 50 centavos.

Depositorios em Lisboa: Farmacia Barral, R. do Ouro, 128; Estacio, Rocio, 60; Azevedo, Rocio, 31; Quintans, R. da Praia, 195; Porto: Farmacia Sierra, Praça da Liberdade, 124; Coimbra: Farmacia Nazareti, R. Ferreira Borges, 139; Santarém: I. Bastos, R. da Praia, 12; Viseu: Farmacia Ribeiro, R. da Misericórdia, 16; Braga: Instituto Graciano, Praça do Conde d'Almourol, 25; Évora: Farmacia Ferro, R. João de Deus, 33; Faro: Bandeira, R. da Praia, 10; Angra, 60; ÁFRICA OCIDENTAL — Tomé: José Pedro da Fonseca, R. General Caldeiros, Loanda: Serra, Annes & Irmão; Benguela: Farmacia Continental.

DEPOSITO GERAL — Farmacia Albano 57, R. da Escola Politécnica, 59 — Lisboa

## A Crise do Socialismo

Brochura de grande actualidade por AUGUSTIN HAMON

Encontra-se já à venda nas livrarias, tabacarias e quiosques.  
PREÇO \$40

## Publicações sociológicas

A venda na Secção de Livraria de A BATALHA

Pelo correio Pelo correio Pelo correio

Krapotkin: A Anarquia, sua filosofia e seu ideal... 450 450

Adolfo Lima: — O contrato do trabalho... 2400 2450

Afonso Schmidt: — O Evangelho dos Livres... 820 825

Berthelot: — O Evangelho da Fé... 820 825

Branco: — A guerra... 820 825

Campos Lopes: — O movimento operário em Portugal... 1000 1010

Carlos Rates: — A ditadura do Proletariado... 840 845

Carneiro de Moura: — A muçulma e a civilização... 1500 1600

Cesar Ferraris: — Os partidos políticos... 820 870

Charles Albert: — O amor livre... 1800 1810

Content: — Contro o confusionalismo... 810 815

Dobrasi: — Os finanças e os políticos e a guerra... 810 815

Domela Nieuwenhuis: — Pátria e Humanidade... 802 805

Dufour: — O sindicalismo e a próxima revolução (2 vol.)... 2400 2420

Eduardo Jaccard: — A crise e a ação geral... 810 815

Elevante: — A minha defesa... 810 815

Fraser: — A Rússia vermelha... 2600 2650

Fabra Ribas: — O socialismo e o conflito europeu... 1800 1810

G. O. H. M.: — Propaganda consciencial... 825 825

Griffuelles: — A ação sindicalista... 850 855

Guilherme de Greif: — As leis sociológicas... 1800 1815

Gustavo Molnár: — Problemas sociais... 860 870

Hayau: — Ensino moral sem obrigação nem sanção... 1800 1865

Hanon: — A conferência da Paz e sua origem... 1850 1865

Adelino de Pinho: — Quem não trabalha não come... 850 855

Adolfo Lima: — O contrato do trabalho... 2400 2450

Afonso Schmidt: — O Evangelho dos Livres... 820 825

Berthelot: — O Evangelho da Fé... 820 825

Branco: — A guerra... 820 825

Campos Lopes: — O movimento operário em Portugal... 1000 1010

Carlos Rates: — A ditadura do Proletariado... 840 845

Carneiro de Moura: — A muçulma e a civilização... 1500 1600

Cesar Ferraris: — Os partidos políticos... 820 870

Charles Albert: — O amor livre... 1800 1810

Content: — Contro o confusionalismo... 810 815

Dobrasi: — Os finanças e a guerra... 810 815

Domela Nieuwenhuis: — Pátria e Humanidade... 802 805

Dufour: — O sindicalismo e a próxima revolução (2 vol.)... 2400 2420

Eduardo Jaccard: — A crise e a ação geral... 810 815

Elevante: — A minha defesa... 810 815

Fraser: — A Rússia vermelha... 2600 2650

Fabra Ribas: — O socialismo e o conflito europeu... 1800 1810

G. O. H. M.: — Propaganda consciencial... 825 825

Griffuelles: — A ação sindicalista... 850 855

Guilherme de Greif: — As leis sociológicas... 1800 1815

Gustavo Molnár: — Problemas sociais... 860 870

Hayau: — Ensino moral sem obrigação nem sanção... 1800 1865

Hanon: — A conferência da Paz e sua origem... 1850 1865

Adelino de Pinho: — Quem não trabalha não come... 850 855

Adolfo Lima: — O contrato do trabalho... 2400 2450

Afonso Schmidt: — O Evangelho dos Livres... 820 825

Berthelot: — O Evangelho da Fé... 820 825

Branco: — A guerra... 820 825

Campos Lopes: — O movimento operário em Portugal... 1000 1010

Carlos Rates: — A ditadura do Proletariado... 840 845

Carneiro de Moura: — A muçulma e a civilização... 1500 1600

Cesar Ferraris: — Os partidos políticos... 820 870

Charles Albert: — O amor livre... 1800 1810

Content: — Contro o confusionalismo... 810 815

Dobrasi: — Os finanças e a guerra... 810 815

Domela Nieuwenhuis: — Pátria e Humanidade... 802 805

Dufour: — O sindicalismo e a próxima revolução (2 vol.)... 2400 2420

Eduardo Jaccard: — A crise e a ação geral... 810 815

Elevante: — A minha defesa... 810 815

Fraser: — A Rússia vermelha... 2600 2650

Fabra Ribas: — O socialismo e o conflito europeu... 1800 1810

G. O. H. M.: — Propaganda consciencial... 825 825

Griffuelles: — A ação sindicalista... 850 855

Guilherme de Greif: — As leis sociológicas... 1800 1815

Gustavo Molnár: — Problemas sociais... 860 870

Hayau: — Ensino moral sem obrigação nem sanção... 1800 1865

Hanon: — A conferência da Paz e sua origem... 1850 1865

Adelino de Pinho: — Quem não trabalha não come... 850 855

Adolfo Lima: — O contrato do trabalho... 2400 2450

Afonso Schmidt: — O Evangelho dos Livres... 820 825

Berthelot: — O Evangelho da Fé... 820 825

Branco: — A guerra... 820 825

Campos Lopes: — O movimento operário em Portugal... 1000 1010

Carlos Rates: — A ditadura do Proletariado... 840 845

Carneiro de Moura: — A muçulma e a civilização... 1500 1600

Cesar Ferraris: — Os partidos políticos... 820 870

Charles Albert: — O amor livre... 1800 1810

Content: — Contro o confusionalismo... 810 815

Dobrasi: — Os finanças e a guerra... 810 815

Domela Nieuwenhuis: — Pátria e Humanidade... 802 805

Dufour: — O sindicalismo e a próxima revolução (2 vol.)... 2400 2420

Eduardo Jaccard: — A crise e a ação geral... 810 815

Elevante: — A minha defesa... 810 815

Fraser: — A Rússia vermelha... 2600 2650

Fabra Ribas: — O socialismo e o conflito europeu... 1800 1810

G. O. H. M.: — Propaganda consciencial... 825 825

Griffuelles: — A ação sindicalista... 850 855

Guilherme de Greif: — As leis sociológicas... 1800 1815

Gustavo Molnár: — Problemas sociais... 860 870

Hayau: — Ensino moral sem obrigação nem sanção... 1800 1865

Hanon: — A conferência da Paz e sua origem... 1850 1865

Adelino de Pinho: — Quem não trabalha não come... 850 855

Adolfo Lima: — O contrato do trabalho... 2400 2450

Afonso Schmidt: — O Evangelho dos Livres... 820 825

Berthelot: — O Evangelho da Fé... 820 825

Branco: — A guerra... 820 825

Campos Lopes: — O movimento operário em Portugal... 1000 1010

Carlos Rates: — A ditadura do Proletariado... 840 845

Carneiro de Moura: — A muçulma e a civilização... 1500 1600

Cesar Ferraris: — Os partidos políticos... 820 870

Charles Albert: — O amor livre... 1800 1810

Content: — Contro o confusionalismo... 810 815

Dobrasi: — Os finanças e a guerra... 810 815

Domela Nieuwenhuis: — Pátria e Humanidade... 802 805

Dufour: — O sindicalismo e a próxima revolução (2 vol.)... 2400 2420

Eduardo Jaccard: — A crise e a ação geral... 810 815

Elevante: — A minha defesa... 810 815

Fraser: — A Rússia vermelha... 2600 2650

Fabra Ribas: — O socialismo e